

A contribuição de Stuart Hall e de Néstor García Canclini para os estudos da identidade cultural contemporânea¹

Viviane Marques GUEDES²

Resumo

O presente artigo propõe uma revisão teórica sobre o conceito de identidade cultural e seus desdobramentos na sociedade contemporânea a partir da contribuição de Stuart Hall, autor destacado por suas reflexões na seara dos estudos culturais britânicos, e de Néstor García Canclini, importante pesquisador da esfera cultural na América Latina. A proposta que apresentamos nesse estudo pretende observar as aproximações e os distanciamentos reflexivos e epistemológicos no tocante às pesquisas destes dois teóricos na esfera das identidades assumidas pela cultura em tempos de modernidade tardia e em momentos de exacerbação do fenômeno da globalização, com todas as consequências relacionadas ao fenômeno das identidades culturais. Além dessas questões, pretendemos discutir como essa identidade cultural híbrida se apresenta no cotidiano da comunicação midiática.

Palavras-chave: Estudos culturais. Identidade. Globalização. Comunicação midiática.

Introdução

“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio”
(Mário de Sá-Carneiro)

No presente trabalho, propomos uma discussão acerca do conceito de identidade cultural levando em consideração as contribuições de dois destacados autores da órbita dos estudos culturais contemporâneos, Stuart Hall e Néstor García Canclini. Seguindo a rota de uma revisão teórica, trabalharemos neste artigo com a concepção de identidade cultural no decurso da história moderna até os desdobramentos desta temática na modernidade tardia. Com isso, será necessário buscarmos uma definição epistemológica para o que se entende por estudos culturais e identidade cultural no âmbito das formas

¹As discussões que estruturam este trabalho compõem o artigo final produzido para a disciplina Seminários Avançados em Sociologia I, cursada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB.

²Doutoranda na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (Grupecj).

globais de trocas sociais.

Quando pensamos na questão da identidade cultural teremos que nos aproximar necessariamente de algumas temáticas fundamentais que perpassam o entendimento deste conceito. Estamos nos referindo aos processos que conduziram às transformações da identidade social da modernidade até a pós-modernidade, bem como os fenômenos circunscritos a esta entidade de análise do social, a exemplo da categoria globalização.

A ênfase na abordagem acerca das transformações das identidades culturais ganha força a partir do referencial contemporâneo das Ciências Sociais, dos Estudos Culturais e das Ciências da Comunicação. Nesse universo, a identidade assume uma gama de definições e, dada a complexidade do conceito na atualidade, as reflexões seguem caminhos os mais diversos possíveis.

Em nosso caso, tentando simplificar o entendimento da questão, procuraremos refletir sobre o fenômeno da identidade fazendo uma leitura interpretativa das contribuições de Hall e Canclini, tencionando compreender como esse conceito pode ser abarcado em diferentes esferas geográficas.

Assim, em um primeiro momento daremos ênfase a uma discussão sobre as transformações vivenciadas pelos sujeitos sociais no tocante à constituição de uma identidade cultural contemporânea, marcadamente fluida, dispersa e fragmentada e as implicações desta “crise de identidade” para o cotidiano social.

Em outro momento, trataremos de trazer para o debate a noção de hibridização das culturas contemporâneas no universo de intercâmbio inevitável das identidades no movediço terreno que interliga o local e o global, e também o popular, o culto, o massivo e como estes processos socioculturais perpassam o cotidiano dos meios de comunicação na atualidade.

1 Deslocamentos culturais na modernidade tardia

Antes de iniciarmos as considerações sobre a identidade cultural no pensamento de Stuart Hall, achamos conveniente fazer uma reconstituição da origem da abordagem dos Estudos Culturais, na Inglaterra, e em que momento este pensador se insere no horizonte destas investigações. Temos como algo presente que este representa um relato dominante dos Estudos Culturais, por isso devemos solicitar a devida atenção para a

identificação de origens diversas desta linhagem em outras localidades.

Os Estudos Culturais surgem através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), fundado por Richard Hoggart em 1964, entidade vinculada ao *English Department da Universidade de Birmingham*, Inglaterra.

Como fontes dos estudos culturais, podem-se ressaltar, inicialmente, três textos surgidos em fins dos anos 50: Richard Hoggart, com *The Uses of Literacy* (1957); Raymond Williams, com *Culture and Society* (1958); E. P. Thompson, com *The Making of the English Working-class* (1963). (ESCOSTEGUY, 2012).

Embora não seja citado como membro do trio fundador, a importante participação de Stuart Hall na formação dos Estudos Culturais britânicos é unanimemente reconhecida. Avalia-se que ao substituir Hoggart na direção do Centro, de 1968 a 1979, incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de "aglutinador" em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um "catalizador" de inúmeros projetos coletivos. (ESCOSTEGUY, 2012).

É com essa proposta inovadora que Stuart Hall conquistou espaço na seara dos Estudos Culturais e hoje pode ser reconhecido como um dos principais protagonistas do debate sobre cultura, identidade, meios massivos e hegemonia.

Nesse plano, Stuart Hall reconstitui uma reflexão sobre as transformações sofridas pelos sujeitos ao longo do fenômeno da modernidade, demonstrando ter havido uma forte mudança do sentido das antigas identidades que davam coesão e estabilidade aos sujeitos. O cenário das transformações da modernidade traz junto de si novas possibilidades de identidade cultural diversificadas nas entidades fragmentadas de coexistência social.

A realidade histórica, tanto da modernidade como da pós, representa um objeto para ser pensado pelas Ciências Sociais. O direcionamento dado por cada investigador para compreender as particularidades de cada uma dessas épocas será de extrema relevância para a condução de suas pesquisas. Por isso, a importância de uma compreensão acurada dessas eras em questão.

No período moderno, o Estado, o mercado e a sociedade civil existem em fronteiras bem delimitadas, enquanto no plano da pós-modernidade essas fronteiras

sofrem um processo de extinção. A modernidade apresenta-se de forma mais ordenada, destaca um propósito, um projeto de sociedade e para a ciência. Já a pós-modernidade parece ser mais disjuntiva, não destaca um projeto central, muito menos uma organização estável.

Nas sociedades tradicionais, o que era mais central eram as pessoas. Na modernidade, o indivíduo passa a ser visto a partir da centralidade da razão. Na pós-modernidade, acontece o que se chama de a morte do sujeito centrado. Na modernidade, buscava-se enquadrar, corrigir e socializar os indivíduos. Enquanto a pós-modernidade apresenta-se fragmentada, trazendo consigo um deslocamento das estruturas e instituições que conferiam estabilidade à identidade dos sujeitos.

Para refletir sobre essas transições e transfigurações da modernidade e demonstrar o processo de descentramento e fragmentação sofrido pelo sujeito cartesiano, Hall (2005) propõe três noções diferentes acerca da identidade do sujeito: 1) Sujeito do Iluminismo; 2) Sujeito sociológico; 3) Sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo, surgido com a emergência da modernidade, reflete-se como um indivíduo cujo centro está no eu. Sua identidade, ações e representações estariam associadas ao domínio consciente e unificado da realidade.

Já no segundo caso, quando aborda o sujeito sociológico, Hall lembra da perspectiva adotada pelos interacionistas simbólicos quando observam o sujeito a partir do conjunto complexo de suas relações e interações sociais. Com isso, passa-se a questionar a autonomia do sujeito centrado em si, relativizando sua identidade por meio do processo de mediação cultural com o outro ou com a estrutura social.

No terceiro ponto, adentra-se propriamente na concepção contemporânea de sujeito e identidade. Nesse momento, é certo falar em uma identidade que se esvai e se dispersa nas múltiplas possibilidades de coexistência social. O centro do sujeito contemporâneo não estaria mais em si e sim multifacetado, reflexo de uma “crise” ou de uma fragmentação identitária.

Ora, mais a que entidades atribuir tais transformações da identidade cultural? Muitos esforços teóricos e empíricos têm sido investidos nessa procura por respostas.

Uma linha de frente nesse caminho aponta para uma explicação da mudança associada

ao fenômeno da globalização surgido já a partir da modernidade e acirrado na modernidade tardia.

Justamente por conta desse acirramento da globalização, vê-se crescer progressivamente a possibilidade das diferenças de identidade. Nesse sentido, a complexidade dessas diferenças, dos intercâmbios de identidades se instala e nos leva a pensar um sujeito que não mais ocupa uma posição centralizada, fixa, mais sim uma identidade fragmentada e aberta a diversas possibilidades de articulação. (HALL, 2005).

Hall (2005, p. 21) vai destacar um ponto central na questão das identidades culturais e a emergência do que se entende por identificação:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (Grifo do autor).

Desse modo, o pensador traz à luz da interpretação o complexo contraponto entre semelhanças e diferenças, pertencimento e não-pertencimento a etnias, raças, códigos linguísticos, nacionalidade, religião etc, ou seja, aos diferentes códigos simbólicos que sustentam os intercâmbios de identidade cultural na sociedade contemporânea.

Ao mesmo tempo em que as semelhanças estabelecidas nas referências fixas têm a função de formatar a identidade cultural, também às (*sic*) diferenças têm um papel preponderante nos sistemas de representação coletivos. A diferença então é apontada aí como uma categoria central na constituição das identidades culturais que não tem a significação de uma simples oposição binária, mas uma posição mais complexa a partir da categoria derridiana da *différance*. (ROSA, 2012).

Talvez nunca antes na história humana esteve-se tão presente de um turbilhão efervescente de diferenças intercambiantes. Bem, isso é um fato! A questão é entender como essas diferenças se estabelecem, convivem ou se combinam dentro do caldeirão globalizante das culturas.

Pois bem, pensar em identidade cultural na contemporaneidade é pensar em posicionamento, em identificação cultural. Reter isso de forma fechada e fixa é como tentar calcular a posição e a velocidade de um elétron na órbita de um átomo ao mesmo

tempo. Sabe-se que é impossível este desafio!

O que se pode reter dessa nova configuração social é que sempre haverá um posicionamento do novo sujeito a ser descoberto pelas pesquisas nessa seara. Um sujeito interceptado por uma condição histórica específica e particularmente ímpar. Um sujeito discursivo frente a frente posicionado na lógica da multiculturalidade. Mas essa lógica já vem sendo construída sorrateiramente e em doses homeopáticas há bastante tempo. Vejamos:

As sociedades multiculturais não são algo novo. Bem antes da expansão europeia (a partir do século quinze) — e com crescente intensidade desde então — a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente "mistas". (...) As pessoas têm se mudado por várias razões — desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semi-escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico. (HALL, 2003, p. 55).

Então, pode-se dizer que o tempo e o espaço social passaram por inúmeras alterações ao longo do processo histórico. Mesmo sendo algo familiar para o pesquisador, a procura por entender o que se processa na atualidade tem suas particularidades, sobretudo por se reproduzir enquanto um fenômeno global.

Mas dentro dessa lógica nada é tão simples e de fácil apreensão. Porque as opiniões dos teóricos estão ainda muito divididas, o que abre espaços para determinados juízos de valor. Talvez isso reflita um pouco da lógica interna dos espaços, fenômenos e sujeitos estudados. Nessa medida, as leituras sociais dessa realidade cultural atual seguem caminhos diversos e lógicas que, algumas vezes, complementam-se e outras vezes se opõem.

Os dualismos dessa nova configuração social estão marcados em toda parte. De um lado, na lógica do separatismo e do essencialismo cultural; de outro, na lógica da aglutinação e homogeneização global de culturas e práticas sociais; ou ainda na instância do que se considera como um processo de hibridização cultural, responsável por manter mais próximas as diferenças, originando inclusive espécies novas de formas culturais. Estudaremos um pouco dessa e outras questões no tópico a seguir.

2 Conexões híbridas na órbita da identidade cultural contemporânea

Para traçar um paralelo entre os autores que propomos estudar nesse texto de revisão teórica, seguiremos nossa leitura levando em consideração as contribuições de Néstor García Canclini para os estudos sobre a identidade cultural, sobretudo dentro da esfera latino-americana. Este espaço territorial representa o contexto em que se processam as investigações e as proposições deste pensador acerca das questões interculturais.

García Canclini é um antropólogo de origem Argentina e radicado no México, cuja área de estudos se concentra, sobretudo, na correlação entre cultura e pós-modernidade na América Latina.

É tido como um dos maiores investigadores nas Ciências Sociais contemporâneas voltado à compreensão dos fenômenos híbridos nas relações culturais. Com enfoque marcado pela intersecção entre cultura, comunicação, arte, discursos, consumo, globalização, Canclini procura estudar as culturas com uma proposta transdisciplinar, verificando as convergências e distensões das interações culturais na América Latina. Suas análises e reflexões concentram-se nas mutações das identidades culturais com a emergência e as transformações da modernidade latino-americana, nas relações entre etnias, meios de comunicação midiáticos, cultura popular, erudita, massiva e os processos de hibridização cultural que perpassam todas essas variáveis em nosso continente.

García Canclini propõe uma discussão sobre identidade cultural centrada, sobretudo, no paradigma da hibridização, diferentemente do que observamos em Hall que muito tem a dizer sobre o parâmetro da fragmentação e da crise das identidades modernas. Em Canclini, o conceito de híbrido se converte em uma proposta de explicação da identidade sociocultural latino-americana. Vejamos o enfoque principal dessa discussão:

Ao trabalhar com a multiculturalidade contida na América Latina, com os enfoques e os interesses em confronto, perde força a busca de uma “cultura latino-americana”. A noção pertinente é a de um espaço sociocultural latino-americano no qual coexistem diversas identidades e culturas (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 174).

Essa multiculturalidade na América Latina é apontada como uma tendência

peculiar desses povos ao longo da modernidade. Segundo o próprio autor, a noção de hibridização pode comportar melhor a interpretação da multiculturalidade do que termos já consolidados no passado é que não teriam mais tanta eficácia conceitual na contemporaneidade. É o caso, por exemplo das noções de “mestiçagem” e “sincretismo”. Para Canclini, o termo híbrido tende a comportar melhor a ideia de mescla cultural entre tradicional e moderno, bem entre o popular, o culto e o massivo. (CANCLINI, 1997).

O hibridismo a que se refere Canclini na América Latina estaria ancorado na ideia de um processo sociocultural em que formas culturais separadas combinam-se para compor novas formas. Porém, essa combinação não estaria de modo algum isenta de conflitos, sobretudo quando se pensa nas mesclas existentes entre o popular e o culto ou entre popular e massivo. Como se refere o autor:

A hibridação sociocultural não é uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existiam em forma separada, e ao combinar-se, geraram novas estruturas e novas práticas. Às vezes isto ocorre de modo não planejado, ou é o resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas com frequência a hibridação surge do intento de reconverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. (CANCLINI, 1997, p. 113, tradução nossa).

Sendo vista desse modo, a hibridação se configura enquanto um processo que não é estanque, mas direcionado em movimentos complexos dentro do fenômeno de globalização e modernização, matizada por intercâmbios e técnicas de mercado e estratégias comunicacionais que abarcam tanto interesses hegemônicos como de setores populares.

Canclini critica o maniqueísmo de algumas teorias que historicamente tendem a colocar em polos opostos os dominadores e os dominados, ou a compreender o multicultural sob o paradigma da exclusão. Assim percebe-se nas concepções do autor que os setores populares não só resistem aos processos de integração, mas também negociam nessa nova realidade modernizadora visando uma hibridização com suas tradições.

Visando comparar os estudos culturais norte-americanos com o conceito de

hibridismo cultural, Canclini (1997, p. 117) ressalta as diferentes visões sobre o multiculturalismo nos EUA e na América Latina, demonstrando que aqui o que se entende por “pluralismo ou heterogeneidade cultural”, lá o multiculturalismo abarcaria o significado de “separatismo”.

Deste modo, particulariza o modelo de multiculturalismo dos povos latinoamericanos, lembrando que este sofre muitas influências de países europeus, na medida em que nos apropriamos de algumas destas opções culturais e as intercambiamos criativamente a diversas tradições nacionais.

Outro ponto que o autor ressalta, quando pensa na lógica da hibridação, está relacionado tanto aos processos de intercâmbio entre o local, o regional, nacional e o global e os conflitos e soluções alcançadas por estas mesclas interculturais com o avanço da modernidade. Além desse ponto, é recorrente uma preocupação com o lugar ocupado pela cultura popular com este processo de modernismo e modernização.

De extrema relevância também é a aproximação que traz entre cultura e comunicação, refletindo sobre o papel da comunicação midiática massiva de produtos simbólicos junto ao público contemporâneo e os significados culturais produzidos nestes intercâmbios. Discutiremos este ponto com mais detalhes no tópico seguinte.

3 A lógica da hibridização nos interstícios da comunicação midiática

Aqui vamos desenvolver uma análise acerca da configuração dos meios de comunicação midiáticos no mundo contemporâneo. Enfatizar quais as mudanças que ocorreram no plano destes meios de comunicação, o surgimento de novas técnicas de produção de bens simbólicos, as mídias mais recentes e como o fenômeno da hibridização cultural, verificado por Canclini, apresenta-se no complexo universo da comunicação midiática contemporânea.

Bem, para dar início à nossa reflexão precisamos considerar a seguinte premissa: a comunicação é uma maneira essencial de transmissão de conhecimentos sobre o mundo, sendo também responsável pela manutenção das trocas culturais no universo social.

Assim, torna-se de fundamental importância a investigação das facetas da cultura atualmente, confrontando-a com os aspectos comunicacionais que asseguram a

sociabilidade. Com isso, uma das preocupações das pesquisas sob a perspectiva da hibridização cultural leva em conta as vastas contribuições de Canclini que procura congrega as áreas Sociologia, Antropologia e estudos da Comunicação para pensar sobre os cruzamentos culturais presentes na lógica de produção, distribuição e consumo de bens simbólicos na sociedade contemporânea.

As mesclas interculturais eloquentes na identidade da sociedade latino-americana, de que Canclini tanto fala, perpassa também necessariamente o conjunto das redes comunicacionais efervescentes no mundo atual, onde vemos cada vez mais a confluência entre formas locais e globais de interação no âmbito da cultura.

É importante considerar que vivemos hoje uma era de extremo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e de sua influência no meio social. As realidades são construídas, significados são sugeridos, conteúdos passam por critérios seletivos, a informação precisa ser produzida de forma a atender às exigências dos novos modelos de identidade cultural que perpassam as trocas sociais no mundo atual.

A mídia se transformou com o tempo, ganhando mais notoriedade nas sociedades contemporâneas. Para isso, foi preciso adaptar suas técnicas de produção e reprodução de mensagens para atingir um público consumidor cada vez mais heterogêneo. Num mundo globalizado, em que cada vez mais se consolida a lógica de um complexo cultural híbrido, fazem-se necessárias investigações que observem a presença na mídia de um discurso que tende a uma semântica multicultural, bem como os desdobramentos ideológicos destas construções discursivas.

Outro ponto de destaque que precisa ser abordado quando pensamos na cultura midiática contemporânea diz respeito ao amplo desenvolvimento das novas tecnologias da informação. As mídias digitais são uma verdade insofismável e sua influência no mundo social o resultado das novas trocas simbólicas do mundo em que vivemos hoje.

Buscando compreender como as mídias se apresentam na contemporaneidade, Santaella (1992) defende a ideia de que vivemos em uma era que sedimenta uma cultura das mídias. A pesquisadora fala de uma rede entre as mídias no mundo contemporâneo.

Em síntese, as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam, sendo que, nessas redes, cada mídia particular tem uma nova função que lhe é específica. É por isso que o aparecimento de cada nova mídia, por si só, tende a redimensionar a função das outras. Quando uma nova mídia surge, geralmente provoca atritos, fricções,

até que gradativamente as mídias anteriores vão, com o passar do tempo, redefinindo as prioridades de suas funções. (SANTAELLA, 1992, pp. 21-22).

Essa rede midiática, segundo Santaella, apresenta características próprias ao estilo de vida nas sociedades pós-modernas: a provisoriedade e a mobilidade da informação entre as mídias, a multiplicidade de pontos de vista conferindo ao público possibilidades interpretativas diferenciadas em relação à informação. Neste caso, o que estaria em questão não seria a tecnologia aplicada na transmissão das mensagens, mas a qualidade e o conteúdo dos produtos informativos que chegam à sociedade. Sobre isso, Santaella ressalta que:

Uma mesma informação passa de mídia a mídia, repetindo-se com algumas variações na aparência. É a cultura dos eventos em oposição aos processos. Cultura do descontínuo, do esquecimento, de aparições meteóricas, em oposição aos contextos mais amplos e à própria profundidade analítica. (SANTAELLA, 1992, p. 18).

Tais manifestações e características fazem parte de uma cultura das mídias, que apresenta singularidades marcantes e próprias de um mundo cada vez mais refém de recursos tecnológicos. É nesse contexto que a nova mídia move-se e se transforma em um dos centros das trocas simbólicas contemporâneas. Uma mídia que, além de apresentar uma cultura própria, passa a matizar e a resignificar as demais formas culturais, diferenciadas em cultura erudita, popular e de massas.

Então, essa convergência cultural observada no cotidiano da comunicação midiática apresenta-se de forma a dar visibilidade ao que Canclini reflete acerca das culturas híbridas, em que os elementos culto, popular e massivo, bem como propriedades tradicionais e modernas, esferas locais, nacionais e transnacionais podem se apresentar, mas não sem conflitos, por vezes imbricados na órbita dos meios de comunicação.

Considerações finais

Ao final deste estudo teórico, podemos traçar algumas conclusões necessárias ao entendimento da questão da identidade cultural. Entendimento este particularizado por uma leitura das principais concepções dos dois autores acerca dos caminhos da cultura com o acirramento do fenômeno da globalização.

Alguns pontos aproximam Hall e Canclini, na medida em que apontam para as diversas transformações culturais sofridas pelas sociedades no decurso do processo sociocultural da globalização. Mesmo havendo confluência em algumas questões, há também pontos dissonantes entre estes dois autores na concepção acerca das identidades culturais. Um dos pontos dessas particularidades é vislumbrado pela própria motivação de Canclini em desenvolver uma leitura das interferências e peculiaridades do desenvolvimento da modernidade na esfera latino-americana.

Os dois teóricos apontam para mudanças substantivas ocorridas e motivadas pelos deslocamentos, migrações e mudanças econômicas globais ao longo da modernidade.

Hall destaca mudanças de base na configuração do sujeito e em sua identidade, evidenciando o aspecto relacionado à crise das identidades e à emergência de uma ordem fragmentária que põe em relevo as diferenças étnicas, linguísticas, raciais, nacionais, religiosas e de gênero. Com isso, procura pensar as “novas identidades” a partir da lógica do descentramento e da identificação dos sujeitos com as diferenças.

Para chegarmos a uma leitura breve sobre como estas identidades culturais perpassam os relatos e produções dos meios de comunicação, recorreremos à contribuição de García Canclini com o referencial teórico acerca da hibridização na cultura. Para o autor, a noção de híbrido pode muito bem explicar as mesclas interculturais verificadas na pós-modernidade para dar conta das variantes da identidade hoje, distribuídas em esferas do culto, popular, massivo, e ainda entre tradição e modernidade, bem como as interações entre o local, nacional e transnacional.

De posse do conceito de hibridização, procuramos entender de que modo estas diferenças aparecem e são veiculadas no cotidiano dos meios de comunicação atualmente. Temos presente que uma análise mais acurada destas manifestações precisaria passar por um trabalho empírico que apontasse o que na prática ocorre em cada caso especificamente.

Nesse sentido, trouxemos também para nossa discussão o modo como a hibridização perpassa os meios de comunicação social, em que medida os bens simbólicos, os saberes, os imaginários sociais demarcam espaço nas narrativas midiáticas e como os meios de comunicação se relacionam com a complexidade estética

e com as diferentes identidades culturais que compõem o cotidiano da sociedade contemporânea.

Referências

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (2012). **Os estudos culturais**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2012.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. (1997). Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. **Revista Estudios sobre las culturas contemporáneas**, Época II, Vol. III, No 5, junio 1997, p. 109-128. Universidad de Colima, México. Disponível em: <<http://ccdoc.iteso.mx/acervo/cat.aspx?cmn=download&ID=2710&N=1>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. **Ni folklórico ni masivo ¿que es lo popular? Pensar em la comunicación: el espacio teórico**. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/garcia_canclini1.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

ROSA, Guilherme Carvalho da (2012). **A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/a2/GT3-_26_-_Identidade_conceito_celacom.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.